

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC  
CURSO DE ARTES VISUAIS LICENCIATURA**

**STEFANY GOULART KRUGER**

**O LUGAR DO DESENHO NA INFÂNCIA: CRIAÇÃO E IMAGINAÇÃO**

**CRICIÚMA**

**2022**

**STEFANY GOULART KRUGER**

**O LUGAR DO DESENHO NA INFÂNCIA: CRIAÇÃO E IMAGINAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de licenciada no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Profa. Dra. Aurélia Regina de Souza Honorato

**CRICIÚMA**

**2022**

**STEFANY GOULART KRUGER**

**O LUGAR DO DESENHO NA INFÂNCIA: CRIAÇÃO E IMAGINAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de licenciada, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação e Arte.

Criciúma, 01 de dezembro de 2022

**BANCA EXAMINADORA**

Profa. Aurélia Regina de Souza Honorato - Doutora - (UNESC) - Orientadora

Profa. Édina Regina Baumer - Mestra - (UNESC)

Profa. Silemar Maria de Medeiros da Silva - Mestra - (UNESC)

A todas as crianças da Educação Infantil.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado forças para chegar até aqui me tornando cada vez mais forte, e nunca ter me deixado cair ou desistir desse meu grande sonho diante de quaisquer obstáculos.

Agradeço especialmente as pessoas mais importantes da minha vida meus pais Margarete e Denison, que sempre foram a base de tudo, apontando o caminho certo e fazendo o melhor por mim sempre, me incentivando, na vida, nos estudos e a seguir esta profissão.

Agradeço a minha família, em especial meu irmão Gregory, minha cunhada Sheila, minha avó Denilde, que sempre estiveram do meu lado torcendo por mim em todos os momentos da minha vida, acreditando em minhas escolhas e me apoiando com bons conselhos.

Aos meus amigos que eu tive o prazer de conhecer no meu curso e que levarei por toda a minha vida, minha amiga Paloma, e em especial meu amigo Maico, que sempre me ouviu, me ajudou, me incentivou, chamou minha atenção, foi sempre quem me estendeu a mão em todos os momentos a quem eu pude contar desde o início do curso. Vocês foram incríveis, o meu sincero muito obrigada!

A todos os excelentes professores da Faculdade do curso de Artes Visuais, que passaram por minha trajetória acadêmica, transmitindo todo o conhecimento e auxiliando em todas minhas dificuldades.

À minha orientadora, e professora Aurélia Regina de Souza Honorato que foi incrível, com sua dedicação, compreensão e companheirismo nesta parte fundamental da minha graduação.

Agradecimento especial também à banca examinadora desse Trabalho de Conclusão de Curso, que se dispôs a participar desta avaliação, com disponibilidade e dedicação, contribuindo para a realização desse trabalho.

E por fim, a todos aqueles que de alguma forma participaram indiretamente desta longa e sábia caminhada.

O desenho não é uma frase, é uma frase feita.

Da mesma forma como a frase feita, o provérbio, o dito, vão se fixando aos poucos, numa luta grave entre o sentimento e a sua expressão, até que, livres de elementos condicionais, se organizam em sua forma definitiva: também o desenho se liberta das fragilidades sentimentais da frase espontânea, por ser mais lento na sua luta entre a visão recebida ou imaginada e sua expressão gráfica. Essa luta, esta lentidão, permitem ao desenho o tempo, a depuração, que a frase de conversa não tem. E ele assume, assim, a natureza essencialmente poética do provérbio.

Mario de Andrade (1975)

## RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso está inserido na linha de pesquisa Educação e Arte do curso de Artes Visuais Licenciatura e apresenta como problema de pesquisa: **como o desenho estimula a percepção e imaginação da criança na Educação Infantil?** Como objetivo geral, a pesquisa se propôs investigar as potencialidades do desenho quanto ao estímulo à percepção e à imaginação, e por meio destes objetivos específicos analisar o percurso do desenho na escola, ampliando os estudos que trazem o desenho como espaço de criação e imaginação na infância. Para a realização desta investigação optei por uma pesquisa qualitativa e de campo no Centro de Educação Infantil Leda da Silva Machado, com 20 crianças da faixa etária entre 3 a 4 anos. Também foram constituídas relações mediante a levantamentos bibliográficos onde estabeleci diálogos com autores como Derdyk (2015), Lowenfeld (1970), Ferraz e Fusari (2009), Ostetto e Leite (2004), Rangel (2014, 2002), Coli (2013), Canton (2009), Corrêa (2008), Piorsky (2016), Vigotsky (2003), e Honorato (2007). A pesquisa apontou para uma urgente necessidade de se rever os conceitos estabelecidos sobre o desenho na infância, sua significação, e seu estímulo à percepção e à imaginação. Como projeto de curso proponho uma formação continuada para professores da Educação Infantil onde proponho oficinas com o intuito de potencializar suas experiências com o desenho para refletirem sobre suas metodologias em sala de aula e as possibilidades de mudança.

**Palavras-chave:** Arte. Desenho. Educação Infantil. Percepção. Imaginação. Criação. Infância.

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 –

Imagem 2 –

Imagem 3 –

Imagem 4 –

Imagem 5 –

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO - O COMEÇO DA CURIOSIDADE .....</b>	<b>11</b>
1.1 - Caminhos Metodológicos	
<b>2 CAPÍTULO 1 - CONSTRUINDO CONEXÕES .....</b>	<b>12</b>
2.1 - A ARTE E SEU ENSINO	
<b>3 CAPÍTULO 2 – A INFÂNCIA, O DESENHO E A ESCOLA.....</b>	<b>13</b>
<b>4 CAPÍTULO 3 – O DESENHO E A IMAGINAÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>5 CAPÍTULO 4 - O CAMPO E OS DADOS .....</b>	<b>15</b>
<b>6 CAPÍTULO 5 - PROJETO DE CURSO .....</b>	<b>16</b>
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>17</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>18</b>
<b>ANEXO(S).....</b>	<b>21</b>

## 1 INTRODUÇÃO: O COMEÇO DA CURIOSIDADE

A presente monografia tem como título: *O lugar do desenho na infância: criação e imaginação*, vem com intuito de contribuir com o ensino da arte, especialmente na Educação Infantil, tendo em vista que o desenho como linguagem artística “[...] é um instrumento de conhecimento com grande capacidade de abrangência como meio de comunicação e de expressão” (DERDYK, 2015. p. 32).

Compreende-se que o desenho é uma das formas que a criança utiliza para expressar o que sente e pensa sobre si mesma e sobre o mundo. Ao desenhar, a criança conta sua história, seus pensamentos, fantasias, sonhos, medos, alegrias, tristezas. Pelo desenho ela age e interage com o seu meio. Nesta perspectiva penso que a professora ou o professor em sala de aula tem como um de seus compromissos estimular nas crianças a vontade de desenhar. Este pensamento me reporta ao meu cotidiano como auxiliar de turma na Educação Infantil, onde várias vezes questioneei a maneira como o desenho, nas atividades propostas pela professora regente, não possui o caráter formador para o desenvolvimento infantil, que acredito que ele tenha. E é a partir desta inquietação que surgiu a escolha do tema desta pesquisa, imbuída do desejo de buscar reconhecer o desenho na infância como parte fundamental no desenvolvimento das crianças, pois ele possibilita em especial a criação e a imaginação.

Algumas questões me acompanham neste percurso de pensar o tema e minha relação com a arte na escola: De que modo o desenho é percebido como possibilidade de desenvolvimento infantil na escola? Como a professora ou o professor pode impulsionar as atividades com desenho de forma que não limitem a subjetividade e a imaginação das crianças? Como a professora ou o professor podem, nas atividades com desenho, evidenciar o processo de criação e não somente o resultado final?

Questões estas me fazem perceber, que no decorrer do Curso de Artes Visuais pude ampliar a minha visão sobre as várias linguagens artísticas, e deste modo vejo que a formação artística e estética das crianças nas escolas necessita de professoras e professores com formação em arte. O que não é o caso do meu campo de pesquisa, onde as crianças da Educação Infantil não têm aula de Artes com professoras ou professores especializados, deste modo os trabalhos escolares envolvendo desenho,

pintura, escultura são conduzidos por profissionais formados em Pedagogia ou Magistério.

Acredito que a linguagem do desenho possui uma importância no cenário da arte que a torna essencial para o processo formativo das crianças que, comunicam-se, formulam ideias e expressam sentimentos por meio da imaginação e da ludicidade. Ao desenhar, a criança brinca e expressa seus pensamentos e sentimentos, deixando registros no papel. Aos poucos ela percebe o lápis em sua mão como um objeto mágico e atua sobre o espaço deixando seus traços. Quando pega pela primeira vez esse objeto mágico, a criança o experimenta como um brinquedo. Na primeira etapa escolar, toda criança desenha e deixa marcas por prazer.

Para Derdyk (2015, p. 56), “[...] existe uma vontade de representação como também existe uma necessidade de trazer à tona desejos interiores comunicados, impulsos, emoções e sentimentos”. Neste caso, mesmo que os rabiscos da criança apareçam como uma forma indecifrável para nós, provavelmente para criança no momento de seu processo de criação ela carrega conteúdos e significações pessoais.

Diante disso, a pesquisa tenta responder a seguinte pergunta: **Como o desenho estimula a percepção e a imaginação da criança na Educação Infantil?** e com intuito de responder a questão problema e todas as questões que a norteiam a pesquisa se insere na linha Educação e Arte do curso de Artes Visuais – Licenciatura da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, que discute “Princípios teóricos e metodológicos sobre educação e arte. A formação de professores. As artes visuais e suas relações com as demais linguagens artísticas. Estudos sobre estética, culturas e suas implicações com a arte e a educação.” (UNESC, 2018.p. 55).

Como objetivo geral, a pesquisa se propôs a investigar as potencialidades do desenho no estímulo à percepção e à imaginação, e por meio destes objetivos específicos analisar o percurso do desenho na arte e na escola; criar conexões entre o desenho e a criança e, ampliar os estudos que trazem o desenho como espaço de criação e imaginação na infância.

Nesta pesquisa trago questões sobre o desenho na Educação Infantil, investigando as suas possibilidades para o desenvolvimento das crianças, especialmente no que diz respeito ao espaço da criação e da imaginação. No primeiro capítulo, intitulado *Construindo Conexões* apresento a arte e seu espaço na história sob a perspectiva de seu papel como necessidade básica para a humanidade, para

além de uma função utilitária, assim destacando seus conceitos e preconceitos a partir de um diálogo com a autora Katia Canton (2009) e o autor Jorge Coli (2013). Neste capítulo ainda trago o desenho como uma das linguagens da arte que tem sua existência marcada desde os primórdios do homem das cavernas até os dias atuais trazendo-o como um instrumento de conhecimento que reclama a sua abrangência quanto à sua verdadeira “função” procurando me embasar na fala de Edith Derdyk (2015). No segundo capítulo intitulado *A infância, o desenho e a escola* apresento o desenho e sua inserção na escola buscando perceber as implicações que envolvem o ato de desenhar, e por conseguinte os processos realizados pelos professores em relação às metodologias utilizadas, a concepção do processo artístico e a avaliação. Dialogo aqui com Ferraz e Fusari (2009), Lowenfeld (1970), Rangel (2002 e 2014), Derdyk (2015), Ostetto (2010) e Gonçalves (2004). No terceiro capítulo, *O desenho e a imaginação*, a partir de Honorato (2007), Piorski (2016) e Vigotski (2003), observo a ideia de infância, e sua constituição na história, marcada por clichês da sociedade, e destaco a imaginação como um dos fatores fundamentais para o desenvolvimento da criança e de estímulo à criação na prática do desenho. No quarto capítulo apresento meu campo de pesquisa, minhas estratégias de investigação e as análises destas a partir de meu encontro com as crianças e seus desenhos. Na sequência as minhas considerações sobre o percurso de pesquisa e por final a proposta de curso que se coloca como uma extensão do estudo aqui desenvolvido.

### 1.1 - Caminhos metodológicos

Toda pesquisa científica exige um caminho metodológico, pois é neste caminho que o pesquisador se apoia para construir conhecimentos e buscar responder suas inquietações. “A pesquisa configura-se como um princípio cognitivo de compreensão da realidade e como princípio formativo do pesquisador e do profissional.” (GHEDIN, 2015. p. 34)

A presente pesquisa, realizada como trabalho de conclusão de curso, insere-se na linha Educação e Arte do Curso de Artes Visuais da UNESC. É uma pesquisa básica, cuja intenção é a de gerar conhecimentos para a contribuição na educação e formação acadêmica. Sua abordagem é qualitativa, pois tem por objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social. Buscando nos levantamentos teóricos das pesquisas já existentes e nos dados coletados na pesquisa

de campo, apresento uma discussão sobre o tema do desenho na Educação Infantil e suas relações com a criação e a imaginação.

## 2 – CAPÍTULO 1: CONSTRUINDO CONEXÕES

### 2.1 – A Arte e seu ensino

A arte está presente na humanidade desde a pré-história e podemos dizer que é uma manifestação humana muito antiga. Falar de arte pode parecer fácil de definir para quem a viu, mas nunca sentiu. Em todos os seus sentidos a arte é uma expressão do humano transformada em inquietudes, curiosidades, desconforto, encantamento.

Se a arte não é imediatamente vital, ela representa em nossa cultura um espaço único onde as emoções e intuições do homem contemporâneo podem desenvolver-se de modo privilegiado e específico. Isso não significa que, em nossa relação com a arte, a razão deixe de intervir. (COLI, 2013, p. 106).

Ainda que arte, algumas vezes cause estranhamento aparentando algo “sem sentido”, que não faz o uso da razão, ela possui fazeres cheios de significação que simbolizam diferentes estados de consciência do homem, abrangendo percepção, imaginação, emoção e sim também a razão.

A arte ensina justamente a desaprender os princípios das obviedades que são atribuídos aos objetos, às coisas. Ela parece esmiuçar o funcionamento dos processos da vida, desafiando-os, criando novas possibilidades. A arte pede um olhar curioso, livre de “pré-conceitos”, mas repleto de atenção. (CANTON, 2009, p. 12).

A arte vai muito além da matéria, ela é espaço de fala, de escuta, de sentimentos, de memórias, de anseios, de crítica. Por meio dela podemos, dar asas à imaginação, ser o que quisermos ser, nos transformar e transformar outros olhares. Estamos cercados por arte, o tempo todo, são várias formas que fazem nossos olhos terem acesso a ela. Foi-se o tempo em que os olhos para a arte só davam ênfase para as artes plásticas e se resumia a desenhos e pinturas. Hoje com a conquista de espaço podemos ter o reconhecimento da arte em suas múltiplas linguagens. A arte exclama o mundo de outra perspectiva, mesmo com toda tecnologia existente atualmente, onde o homem passou a mudar seus hábitos, conceitos e pensamentos

nada substitui o fazer artístico, é por meio dela que o homem usa sua liberdade de expressão desempenhando o seu papel social e cultural.

As reflexões sobre o ensino de Artes nos levam à consideração de que a Arte é a base da vida, sem ela o homem não vive, pois ela está presente em todos os momentos existenciais do ser humano, tanto no que concerne à estética do cotidiano como à estética formal, pois o indivíduo convive em sua cotidianidade com esta relação dialética tendo a Arte sempre presente em sua vida em um determinado contexto sociocultural. (RANGEL, 2014, p.7).

O ensino da arte é importante para o desenvolvimento da capacidade reflexiva, criativa e crítica dos estudantes que se torna capaz de contemplar o seu mundo de maneira singular por meio de suas ações. Desenhar, pintar, narrar um acontecimento, gesticular, deixar suas marcas são formas de reconfigurar o vivido, construir e reconstruir significações. Por isso importa que o ensino da arte ofereça diferentes possibilidades de experiência, e para tanto é fundamental que as linguagens artísticas estejam presentes na escola.

Dentre esta perspectiva da arte e sua abrangência, destaco a linguagem do desenho em meus estudos. Iniciando do pressuposto de que esta linguagem vem se constituindo, desde a antiguidade, a partir do momento em que o homem começou deixar suas marcas e registros de sua história através do tempo. Dessa forma, podemos pensar o desenho como uma linguagem da arte indispensável na formação dos sujeitos, seja de uma forma técnica, simbólica ou como meio de expressão.

Seja no significado mágico que o desenho assumiu para o homem das cavernas, seja no desenvolvimento do desenho para a construção de maquinários no início da era industrial, seja na sua aplicação mais elaborada para o desenho industrial e a arquitetura, seja na função de comunicação que o desenho exerce na ilustração, na história em quadrinhos, o desenho reclama a sua autonomia e sua capacidade de abrangência como um meio de comunicação, expressão e conhecimento. (DERDYK, 2015. p.42).

Portanto pensar em suas potencialidades nos remete a refletir de que forma esta linguagem está sendo trazida ao homem, desde a fase de sua infância.

Por muitas vezes o desenho foi visto como uma atividade de lápis e papel, onde sobre ele seria feita uma representação de “alguma coisa” por meio de formas e linhas, onde os alunos são direcionados a copiar elementos externos das coisas.

Para Derdyk:

O desenho possui uma natureza específica, particular em sua forma de comunicar uma ideia, uma imagem, um signo, por meio de determinados suportes: papel, cartolina, lousa, muro, chão, areia, madeira, pano, utilizando determinados instrumentos: lápis, cera, carvão, giz, pincel, pastel, caneta hidrográfica, bico de pena, vareta, pontas de toda espécie. (2015, p.32).

Ao pensarmos em propostas variadas e mais amplas para o desenho, é comum que o primeiro aspecto que passa pela nossa cabeça é a técnica. Lápis de cor, giz de cera, canetas hidrográficas e tintas comumente utilizadas. Porém, é preciso ampliar as possibilidades de criação, pois pensar na sua importância não basta, é preciso criar caminhos para que a experiência com o desenho desenvolva todo seu potencial. O desenho está presente em todas as formas seja as da natureza, seja as criadas ou deixadas pelo homem como marca ou registros podemos ampliar nosso olhar quanto a sua materialidade.

Existem os desenhos criados e projetados pelo homem, existem sinais evidenciando a passagem do homem, mas também existem as inscrições, desenhos vivos da natureza: a nervura das plantas, as rugas do rosto, as configurações das galáxias, a disposição das conchas na praia. Estes exemplos nos fazem pensar a respeito das ideias que se tem do desenho, ampliando suas possibilidades materiais de realização. (DERDYK, 2015, p.34).

O desenho surge da relação entre dois materiais, os quais entram em contato para que possa haver um registro no suporte. Os traços deixados nas mais variadas superfícies são registros e como tais, expressam memórias, sentimentos e pensamentos é muito mais que a ideia de representação que se tem sobre sua "função". Se formos pesquisar até mesmo nosso dicionário podemos ver que seu conceito está definido como uma projeção da realidade por meio de linhas e formas, e é a partir desta aculturação do desenho, que por vezes faz com que seja limitado seu espaço enquanto linguagem expressiva.

Em se tratando da arte de desenhar, diferente de algumas áreas do conhecimento que utilizam de teorias, afirmações e padrões, o desenho é livre e dá oportunidade ao homem de criar com autonomia, manifestando a sua relação com o seu eu e o mundo. Desde muito cedo a criança desenha deixando seus rabiscos por prazer, encontrando um jeito e um local para registrar sua criação, seja no chão, nas paredes, nos móveis, até mesmo no seu próprio corpo deixando a linha fluir sem se preocupar com a representação fiel da realidade. Quando crescem, é comum irem estereotipando seus próprios riscos buscando chegar o mais próximo da realidade o que, muitas vezes, causam frustrações e a perda do interesse por desenhar. A meu

ver esta preocupação em querer nomear, representar, não suportando a ideia do “não saber” faz com que tenhamos receio de desenhar.

### 3 – CAPÍTULO 2 – A INFÂNCIA, O DESENHO E A ESCOLA

Dentre as mais variadas características que se pode verificar na infância, posso as que mais me brilham os olhos: o ingênuo interesse e curiosidade que demonstram pelas coisas mais simples que os cercam, e sua incrível capacidade de imaginação em tudo que faz, tornando assim o invisível ao visível, assim como da possibilidade à impossibilidade. A ideia de infância vem sendo constituída ao longo do tempo.

A concepção de infância vem sendo construída historicamente. A partir das mudanças nos meios econômicos e de produção que aconteceram no mundo, o olhar para e sobre a infância foi se modificando. Isto não significa que a cada época existiu um tipo de criança, não. O que acontece é simultâneo e ambíguo; culturas diversas, pessoas diferentes, sociedades muitas que mostram, falam, estudam, tratam da infância de forma diferenciada. Assim, a noção de infância não foi sempre a mesma. (HONORATO, 2007. p. 35)

Passando pela história vimos que houve modificações em sua verdadeira valorização, não estamos tratando de algo novo, mas sim algo que por sua importância requer atenção, acolhimento, e participação ativa da sociedade, da família e da escola. Honorato, afirma que:

Mesmo tendo conquistado um espaço particular ao mundo social, a criança, mais do que participar dele, torna-se depositária das projeções dos adultos. Projetando na infância seus anseios, a sociedade acaba por manter-se ambivalente em seus projetos educativos, calçados em alguns momentos, na preservação de uma infância idealizada; em outros, no enquadramento delas em um mundo adulto. (2007, p.37)

Assim como permitimos hoje que a infância seja concebida de forma idealizada, muitas vezes há controvérsias onde o adulto quer que a criança seja um espelho de suas atitudes e comportamentos correspondendo às suas próprias expectativas, formando pessoas que se encaixam no padrão de determinada cultura. Porém, temos que tomar muito cuidado com estas expectativas para que não limite a tudo que a criança quer e pode ser, afinal, ao contrário do que muitas vezes pensamos ela pode ir muito mais além do que esperamos dela. A criança consegue dar um novo olhar para as coisas que para nós parecem ser tão óbvias, irrelevantes, e de uma perspectiva tão linear. Com eles tudo é novidade, cada detalhe, quase tudo é “a primeira vez que está acontecendo”, tudo se transforma em encantamento, curiosidade, querendo se aproximar e entender tudo que as rodeia.

O interesse da criança por formas, sons, gestos, afazeres, cores, saberes, texturas, assim como suas perguntas sem fim, sua vontade de tudo agarrar e examinar, e seu amor às miniaturas que comportam o grande em menor tamanho, pode ser traduzido por um desejo de se intimar com a vida. Esse desejo embrenha a criança nas coisas existentes. É um intimar para conhecer, pertencer, fazer parte, estar junto daquilo que a constitui como pessoa. (PIORSKI, 2016, p. 63).

E assim a infância é marcada por toda essa intensidade e imensidão de sentimentos que estão sempre à flor da pele. A criança foge de toda estabilidade do mundo adulto, pois é nesta fase que ela está se conhecendo e conhecendo o mundo das coisas e assim desta forma participando inteiramente de tudo que ela vivencia. Muitas vezes o olhar das crianças percebe coisas que nós adultos não percebemos, afinal estamos a todo tempo correndo contra o tempo, e por fim, acabamos que deixando nossos olhares atentos de lado para muitas coisas. Não é à toa que muitas vezes as crianças nos deixam sem a “resposta na ponta língua” para quando perguntam algo que nem sempre vamos saber responder ou de que forma responder. Não podemos achar que por elas terem menos experiências na vida, elas não entendem nada, e não devem ser ouvidas. É preciso que, nós adultos, tenhamos um olhar cuidadoso e sensível para este ser que está em desenvolvimento dia a dia, e que sim, somos influenciadores em sua formação seja na posição de família ou de professores.

Na infância, ao ingressar na escola, a criança começa a socializar com professores e colegas, e a ter experiências nas dimensões sociais, emocionais e cognitivas, para além de seu núcleo familiar. A Educação Infantil é uma etapa importante na vida da criança, pois é nela que a criança a ampliar suas possibilidades de se relacionar e viver em sociedade desenvolvendo habilidades fundamentais a sua formação humana.

Nesse contexto, as creches e pré-escolas, ao acolherem as vivências e os conhecimentos construídos pelas crianças no ambiente da família e no contexto de sua comunidade, e articulá-los em suas propostas pedagógicas, têm o objetivo de ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades dessas crianças, diversificando e consolidando novas aprendizagens, atuando de maneira complementar à educação familiar – especialmente quando se trata da educação dos bebês e das crianças bem pequenas, que envolve aprendizagens muito próximas aos dois contextos (familiar e escolar), como a socialização, a autonomia e a comunicação. (BRASIL, 2019. p.36).

É papel da escola promover o convívio da criança com espaços, pessoas

e narrativas, sempre buscando respeitar o que a criança traz de casa, e, por meio de práticas pedagógicas permita a interação desta com as diferenças que se apresentarão, garantindo seus direitos de conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer a si mesmo e ao outro. E o que dizer da arte na Educação Infantil? A arte estimula o desenvolvimento emocional, perceptivo, motor e gráfico das crianças. Com ela é possível aprender, adquirir novas habilidades e enxergar diferentes perspectivas e sensações a respeito de um mesmo ponto, por exemplo. Neste contexto é interessante possibilitar diversas experimentações com a arte como modo de explorar e estimular a criatividade das crianças. Essas atividades são essenciais para que elas aprendam a se expressar diante do mundo, valorizar e se beneficiar das diversas manifestações artísticas e culturais.

Entende-se que desde a infância a arte se faz presente por meio das diferentes linguagens artísticas. Para a criança que está na fase das descobertas, das fantasias, da espontaneidade, da imaginação que desponta, ter contato com a arte é fundamental para o seu desenvolvimento sensível, criador, estético e sua interação com o seu meio, onde a partir do momento que a criança cria, imagina, ela também é capaz de conseguir solucionar problemas e desafiar seus limites. Para Lowenfeld:

A arte desempenha um papel potencialmente vital na educação das crianças. Desenhar, pintar ou construir constituem um processo complexo em que a criança reúne diversos elementos de sua experiência, para formar um novo significado todo. No processo de selecionar, interpretar, e reformar esses elementos, a criança proporciona mais do que um quadro ou uma escultura; proporciona parte de si própria: como pensa, como sente, e como vê. Para ela, a arte é atividade dinâmica e unificadora. (LOWENFELD, 1970. p.13).

Para que isso se potencialize é preciso compreender a arte como uma oportunidade da criança se expressar de forma única seus desejos e suas vontades. Para que o ensino da arte se dê de forma significativa é fundamental que a criança se sinta ligada àquilo que ela está fazendo. A criança desde bem cedo, apresenta semelhanças, diferenças e afetividade pelas coisas, possuindo seus próprios gostos e preferências. A criança neste sentido não é um ser passivo, mas sim atuante e está em constante movimento e transformação. O envolvimento da criança com a experiência com a arte é uma das principais formas de se conectar com seu meio. O ensino da arte desempenha esse papel insubstituível e indispensável na vida da criança assim a BNCC ressalta que:

A prática investigativa constitui o modo de produção e organização dos conhecimentos em Arte. É no percurso do fazer artístico que os alunos criam, experimentam, desenvolvem e percebem uma poética pessoal. Os conhecimentos, processos e técnicas produzidos e acumulados ao longo do tempo em Artes visuais, Dança, Música e Teatro contribuem para a contextualização dos saberes e das práticas artísticas. Eles possibilitam compreender as relações entre tempos e contextos sociais dos sujeitos na sua interação com a arte e a cultura. (BRASIL, 2019, p.193).

Deste modo o papel do professor de Artes é fundamental, no sentido de estimular o potencial de cada criança. E, nesta perspectiva trago a linguagem do desenho como uma das potências da arte, especialmente no âmbito da Educação Infantil. Durante muito tempo ao desenho, sob o olhar de muitas metodologias em nosso sistema de ensino, foi atribuído como apenas “uma coisa” de lápis e folha de papel em branco para representar algo, outras vezes um exercício de cópia quando se era solicitado, pois outras vezes a criança nem precisaria desenhar apenas pintar imagens prontas, mimeografadas, impossibilitando a capacidade de fruição e imaginação da criança fazendo com que ela deixe de desenhar espontaneamente. Quando a criança desenha, ela cria pontes entre seu mundo imaginário e o que é real, externando as suas visões e se afirmando no mundo. O desenho das crianças são também formas e rabiscos que por sua singularidade e vivacidade causam-lhe prazer e bem-estar. Muitos sentimentos e sensações acompanham o ato de desenhar, ligando-se às manifestações corporais como o canto, a dança, os gestos. Na escola o desenho não deve ser desvalorizado e nem tão pouco limitado. É necessário que ele seja visto como uma linguagem muito importante, especialmente na Educação Infantil, onde deve ser uma atividade sempre presente, afinal, muitas crianças desenharam para demonstrar aquilo que estão sentindo naquele momento organizando e exteriorizando seus desejos, suas vontades, seus impulsos. De acordo com Rangel (2014)

As instituições de Educação Infantil deveriam ser o espaço inicial e deflagrador das diferentes linguagens expressivas, tendo em vista que as crianças pequenas iniciam o conhecimento sobre o mundo por meio dos cinco sentidos (visão, tato, olfato, audição, gustação), do movimento, da curiosidade em relação ao que está à sua volta, da repetição, da imitação, da brincadeira e do jogo simbólico. No que diz respeito às linguagens expressivas, esses são fatores fundamentais para que eles se desenvolvam plenamente. (RANGEL, 2014. p.15).

No momento em que as crianças desenham elas estabelecem conexões entre o sentir, perceber, fantasiar, imaginar e representar o seu eu no mundo. E isso possibilita que a criança, em sua capacidade de criação, se sinta livre ao rabiscar.

Em meio àqueles traços sinuosos, obsessivos, limpos ou intrigantes, de repente a criança visualiza um grande jacaré de boca aberta. E aquele pontinho ali é o pingo da chuva que rapidamente se transforma em tempestade, cobrindo todo o papel. E aquela mancha ali, olha só, é uma casa de flor. Nó olhamos e constatamos: é mesmo! (DERDYK, 2015, p.72).

Mesmo que muitas vezes o desenho da criança aparenta ser indecifrável não obedecendo a uma sequência lógica para nós adultos, para ela vem de uma intensa e significativa atividade do imaginário que estão relacionadas às suas memórias e experiências. Se faz necessário que assim como as outras linguagens expressivas, a presença da linguagem do desenho na escola seja abordada de forma que a criança desenvolva todo seu potencial expressivo, criando situações e oferecendo oportunidades de forma que estimulem a observação, imaginação, exploração, improvisação, concentração, criação, fluência e flexibilidade é preciso que dê autoria à criança e não as limite. Assim, a única intervenção que as crianças devem ter neste processo é a de ampliar seu modo de ver, de registrar e imaginar o mundo, tornando-os seres ativos em seu processo de criação, afinal a criança não é apenas uma reprodutora, mas sim construtora de seus processos.

Muitas vezes o professor tem a atitude equivocada de "avaliar" classificando os desenhos entre bons ou ruins. Para Lowenfeld:

Com frequência, comete-se o erro de avaliar o trabalho criador das crianças pelo seu aspecto, pelas suas cores e formas, pelas qualidades dos traços etc. Isto é injusto não só para o próprio produto, mas também, ainda mais, para a criança. O crescimento não pode ser medido pelo gosto ou padrão de beleza imposto pela sociedade. (LOWENFELD, 1997, p.19).

A partir desta fala do autor, é importante ressaltar que avaliar em arte implica em considerar o processo da criança, Portanto, o ensino de arte está em constante mudança, e, a partir de novas orientações, outras práticas surgem e assim como o aluno aprende com o professor, ele também aprende com as suas práticas promovidas aos alunos. O professor precisa sempre aprender, pesquisar e avaliar suas práticas metodológicas e

avaliativas, para ampliar seus conteúdos em sala de aula, proporcionando o contato com a arte de modo a promover experiências estéticas que contribuirão na formação do pensamento crítico e reflexivo das crianças, assim como com a imaginação e a fantasia.

É importante compreender que quando a criança desenha ela tem intenções que mudam no percurso, seu desenho pode iniciar sendo algo e finalizar sendo outro. Nesta situação o papel do professor é bastante importante. Não deve ele, o professor, buscar estimular por meio da interpretação do desenho da criança a partir de seu olhar, que podemos dizer que é mais estereotipado, isso pode causar frustração na criança por não estar representando corretamente algo. Deste modo, para que este estímulo à criança não interfira na sua imaginação ou criação é preciso dar-lhe segurança sem cobrar ou esperar explicações. Segundo (OSTETTO, 2004, p.64):

[...] a diferença pode parecer sutil, mas defendo que o desejo seja um dos tantos elementos das culturas das crianças; uma de suas tantas formas de expressar-se e fazer presente no mundo. Toda experiência vivida deixa, sim, marcas a carne, o imaginário, a subjetividade de cada um. Assim, para conhecer as crianças, devo estar com elas - ouvi-las, vê-las, conversar com elas, trocar, brincar, partilhar experiências, procurar perceber onde se posicionam e, assim, capturar o que pensam e sentem, o que querem revelar, desvelar, esconder, transformar, poetizar.

É necessário promover na escola um espaço que permita às crianças inventar, investigar, explorar, cometer erros e atribuir afeição a este processo. Estas experiências fazem parte da vida das crianças enquanto sujeitos em processo que devem ser estimulados a pensarem e sentirem por conta própria. E assim cabe aos professores e comunidade escolar mostrar caminhos e alternativas para as crianças se desenvolverem, de maneira individual, colocando algo de si próprias em seus desenhos.

Para que este processo seja desencadeado, que tenha significado para as crianças e que possibilite leituras e expressões plurais sobre o mundo são necessárias intervenções pedagógicas desafiadoras. É fundamental que os educadores conheçam e entendam a gênese do desenvolvimento gráfico plástico para organizarem planejamentos que deem conta das necessidades infantis. É fundamental que os educadores leiam as formas visuais produzidas pelas crianças e experienciem as possibilidades dos materiais expressivos considerando como os veículos para que se concretize a expressão. (RANGEL, 2002, p.11).

Como diz, Rangel (2002), também é importante que as crianças tenham experiências com diferentes materiais e suportes, é importante neste processo que

elas tenham contato com as variações, rabiscando, deixando suas próprias marcas seja um objeto, um tecido, uma folha até mesmo no próprio corpo, assim, possibilitará novas descobertas, agindo neste espaço permitindo assim como resultado disso o encantamento da criança pelo ato de desenhar se sentindo pertencente a sua produção, possuindo uma relação positiva com o desenho. É interessante que o professor estabeleça meios para que a criança possua diferentes experimentações, despertando sua curiosidade e passando a ter autonomia para escolher seus próprios materiais, desenvolvendo iniciativa e independência.

É muito importante que possam acontecer experiências contrastantes, com materiais que possuam qualidades opostas: objetos grandes e pequenos, macios e ásperos, secos e molhados, duros e moles, para que o aluno se defronte com as diferenças tendo de decidir ou conviver com elas. (GONÇALVES, 2010, p.54).

Um novo olhar para a experiência do desenho na escola pode surgir, a medida em que o professor estabelece vínculos com as necessidades e gostos de cada um olhando de forma individual, observando com atenção não somente o que a criança faz, mas como ela faz. O resultado final é apenas a consequência do processo, é preciso entender que não estamos esperando uma obra de arte de uma criança, mas pretendemos, com o desenho, estimular a percepção e a sensibilidade da criança de modo que ela, por meio da experiência com a arte tenha um olhar mais amplo e sensível para o mundo.

#### 4 – CAPÍTULO 3 – O DESENHO E A IMAGINAÇÃO

A mediação nas práticas do desenho tem um papel essencial na qualidade do desenvolvimento neste processo, a presença do professor é fundamental, sendo a voz que escuta, o dedo que aponta, e alguém que possa dispô-las em um espaço livre para que façam novas associações a partir de suas percepções.

A criança está integralmente presente em tudo o que faz, principalmente quando existe um espaço emocional que o permita. Existe um pensar por trás do seu fazer, por trás de suas pequenas operações, como subir e descer uma escada, balançar insistentemente um chocalho, amassar um papel. A criança vivencia, organiza, operacionaliza, elabora, projeta, constrói, destrói em busca de novas configurações. O caos e a ordem se alternam. (DERDYK, 2015, p.25).

E é neste momento que o desenho se torna a passagem para a memória do vivido, fabricando imagens mediante as suas vivências. Portanto sua imaginação parte de sua realidade por isso nada é feito do nada, ainda que se pense que a criança simplesmente imagina, fantasia, tudo está ligado ao real, onde ela irá constituir novas configurações a partir disso. Quando estimulamos uma criança também estamos estimulando o seu ato criativo.

Qualquer motivação artística deve estimular o pensamento, os sentimentos, e a percepção da criança. Para que tenha êxito, a motivação deve fazer parte da experiência artística muito mais do que a simples atividade deverá estimular a consciência do meio, por parte da criança, e fazê-la sentir que a atividade artística é extremamente vital e mais importante do que qualquer outra coisa. (LOWENFELD, 1978, p.165).

Estamos estimulando as crianças quando oferecemos a elas diferentes ambientes e espaços que permitam a ampliação das possibilidades de criação. Também quando proporcionamos o contato com e a manipulação de materiais diversificados em texturas, formas, tamanhos, que permitam às crianças explorar realidades.

Quanto maior for o nosso campo perceptivo, mais revelações gráficas obteremos. A agilidade é a transitoriedade natural do desenho acompanhando a flexibilidade e a rapidez mental numa integração entre os sentidos, a percepção do pensamento. (DERDYK, 2015, p.30).

Nesta perspectiva trazida pela autora, penso que cada vez mais o campo perceptivo (de crianças e adultos) é marcado por um condicionamento cultural à prontidão do mundo das informações, e com isso é criada uma condução à

massificação do pensamento, da imaginação e dos comportamentos. Isto vem se dando pelo mundo das mídias que, cada vez mais, está presente na vida de muitos a qualquer clique. Estas condições são colocadas desde os primeiros meses de vida da criança seja por vídeos no celular, na televisão, nos games. São situações a serem analisadas, afinal até que ponto estas variedades de informações destes meios respondem as verdadeiras necessidades da criança? Muitas vezes alguns estímulos que deveriam partir de nós para as crianças, são substituídos por estes meios de sons e imagens que ao mesmo tempo que são muito bem elaborados, estão dotados de superficialidades que inibem o processo de percepção e por conseguinte a imaginação da criança. Vigotski afirma que:

En ello encontramos la primera y principal ley a que se subordina la función imaginativa. Podría formularse así: la actividad creadora de la imaginación se encuentra em relación directa com la riqueza y la variedad de la experiencia acumulada por el hombre, porque esta experiencia es el material com el que erige sus edificios la fantasía. Cuanto más rica sea la experiencia humana, tanto mayor será el material del que dispone essa imaginación. (VIGOTSKI, 2003, p.17).

Nisto encontramos a primeira e principal lei à qual a função imaginativa está subordinada. Poderia ser formulado da seguinte forma: a atividade criadora da imaginação está diretamente relacionada à riqueza e variedade de experiências acumuladas pelo homem, pois essa experiência é o material com o qual a fantasia erige suas construções. Quanto mais rica a experiência humana, maior o material disponível para essa imaginação. (tradução pelo google tradutor)

Diante desta afirmação, se compararmos a imaginação da criança com a do adulto diríamos que ela é mais limitada pelo fato de a criança não ter tanto acúmulo de experiências como o adulto possui, deste modo quanto mais oferecermos às crianças variedades de experiências maior será sua capacidade criadora. A imaginação na infância influi diretamente no desenvolvimento da criança, é a partir dela que a criança começa a perceber as infinitas possibilidades de pertencer ao mundo.

Em tal sentido la imaginación adquiere una función de suma importância em la conducta y em el desarrollo humano, convirtiéndose em medio de ampliar la experiencia del hombre que, al ser capaz de imaginar lo que no ha visto, al poder concebir basándose em relatos y descripciones ajenas lo que no experimentó personal y directamente, no está encerrada em el estrecho círculo de su própria experiencia, sino que puede alejarse mucho de sus limites asimilando, com ayuda de la imaginación, experiencias históricas o sociales ajenas. (VIGOTSKI, 2003, p.20).

Nesse sentido, a imaginação adquire uma função de grande importância no comportamento e desenvolvimento humano, tornando-se um meio de expansão da experiência do homem que, podendo imaginar o que não viu, pode conceber com base em histórias e descrições fora do que ele não experimentou pessoal e diretamente, não está encerrado no estreito círculo de sua própria experiência, mas pode ir muito além de seus limites assimilando, com a ajuda da imaginação, experiências históricas ou sociais de outros. ( Tradução pelo Google tradutor)

No caso da criança a função da imaginação irá ter forte influência em seu ato criativo. Quando falamos do desenho por exemplo, estamos falando de uma linguagem expressiva, poética e sensível que depende exclusivamente da capacidade da criança expressar tudo aquilo que faz parte do seu interior e exterior de forma impulsionadora sem regras ou técnicas preestabelecidas, pelo menos é assim que deveria ser. E é neste caso que a imaginação entra com o papel fundamental, onde a criança por meio das experiências guardadas e as novas atribuições da imaginação sobre elas irá desenhar associando novas combinações e novas imagens, sendo assim uma construtora ativa de sua cultura.

De acordo com Sarmiento (2004), as culturas da infância possuem quatro eixos estruturadores e que as fazem diferentes da cultura adulta. Um destes eixos é a interatividade. Ela caracteriza a forma como as crianças aprendem: com as outras crianças e com os adultos, nos espaços de partilha comum. Elas se apropriam, reinventam e reproduzem o mundo que os rodeia. O segundo eixo é a ludicidade. Brincar é muito do que as crianças fazem de mais sério. O brinquedo e o brincar são 41 fatores fundamentais na recriação do mundo e na recriação das fantasias infantis. O terceiro eixo colocado pelo autor é a fantasia do real. É com a fantasia e o imaginário que a criança vê o mundo que a cerca, assim como atribui significados às coisas que a rodeiam. O último eixo é a reiteração. O tempo da criança é um tempo recursivo, que é reinventado continuamente, capaz de ser sempre reiniciado e repetido. (apud HONORATO, 2007. p. 41)

Toda criança tem sua forma particular de ser e de fazer. Ela compreende as coisas ao seu redor quando sente, observa, repete, expressa seus pensamentos e deste modo reconstrói o mundo baseada em seu olhar infantil.

A criança, essa criatura por excelência tátil, tem olhos nas mãos. Só quase sabe ver com as mãos, ver com os olhos não lhe basta, pois o campo de repercussões por ela é almejado é das mais recuadas impressões corpóreas. A tatilidade é seu mais poderoso recurso imaginador, a porta do vínculo onírico com tudo. Pela tatilidade, ela não apenas vê como também ouve e empenha diálogo com os materiais. A criança os entende em suas profundidades, descreve-os em seus detalhes. (PIORSKI, 2016, p.109).

Olhar a criança por esta perspectiva, traz para o professor a responsabilidade de compreender e respeitar os processos expressivos na infância, observando como a criança se percebe, reconhece e representa as coisas ao seu redor, para que assim possa promover aulas que atendam às particularidades de cada um. A experiência com a arte abre espaço para que a percepção da criança se amplie e com isso se amplie também a forma como a criança se percebe e percebe o mundo ao seu redor. Experimentar materiais, ter as mãos cheias de tinta, percorrer os dedos na areia, no vidro embaçado, possibilita para a criança novas ações que paulatinamente lhe promovam confiança em se aventurar em suas criações estimulando assim sua imaginação. E, por meio desta relação de contato e experiência com a arte, a imaginação se potencializa.

## 5 – CAPÍTULO 4 - CAMINHOS METODOLÓGICOS: O CAMPO E OS DADOS

Como anunciado na introdução desta pesquisa, a investigação que compõe este trabalho de conclusão de curso tem como procedimento metodológico a pesquisa de campo. “A pesquisa de campo caracteriza-se pelas investigações em que, além da pesquisa bibliográfica e/ou documental, se realiza coleta de dados junto a pessoas, com o recurso de diferentes tipos de pesquisa”. (FONSECA, 2002. p. 12).

Que campo é este? O Centro de Educação Infantil Leda da Silva Machado, na cidade de Araranguá, e os participantes foram as vinte crianças da turma do Jardim, com idades entre 3 e 4 anos. Nesta escola sou estagiária, e nela também estavam presentes a professora pedagoga e uma auxiliar de classe.

Com o intuito de buscar respostas nas falas, nas ações e nos desenhos das crianças a partir de minha questão central da pesquisa: **Como o desenho estimula a percepção e a imaginação da criança na Educação Infantil?** Construí com as crianças momentos diferentes, durante o tempo de uma semana, propondo atividades que tiveram como processo e registro a linguagem do desenho. Chamei estes momentos de: 1. O que tem no meu jardim; 2. Desenhando na areia; 3. Desenho de vivências; 4. Desenho de história; 5. Desenho de observação. Estes encontros aconteceram nas aulas da semana da criança, no espaço que a professora regente cedeu, deste modo busquei organizar cada momento pensando tanto no plano de aula da professora, nas rotinas escolares das crianças, como no meu campo de pesquisa. Deste modo apresento como análise dos dados, meu relato sobre cada momento e as ações e impressões das crianças neste percurso. Destaco que para que eu pudesse realizar esta pesquisa neste espaço tive a autorização da escola, bem como de cada responsável pelas crianças. Nos anexos desta escrita incluo o modelo de autorização enviado aos pais e/ou responsáveis, assim como a carta de autorização da escola.

Duas principais inquietações nortearam o meu desejo por este tema de pesquisa: a forma como o desenho é visto e desenvolvido em sala de aula, tanto pelo aspecto metodológico proposto pela professora, como pela maneira como as crianças recebiam essas propostas de desenho. Outra é o fato de que nas escolas de Educação Infantil e creches do município de Araranguá, não existe a aula de Artes com o professor específico, são professoras pedagogas que desenvolvem as aulas de Artes. Quero ressaltar que antes de efetivamente propor as atividades às crianças,

observei-as e observei também os modos como as propostas com desenho eram encaminhadas. Percebi várias atividades com o desenho já pronto (mimeografado) para as crianças colorirem, ou traçar os pontilhados com o objetivo de desenvolver a coordenação motora. Nestas atividades, em específico, as crianças precisam respeitar os limites da folha de papel, não podiam rabiscar fora do local indicado para a pintura. Era comum perceber que a criança que não cumpria esta regra era considerada errada ou desconcentrada. Considero que este tempo de observação foi muito importante para a pesquisa, pois deste modo consegui perceber necessidades, potencialidades e dificuldades das crianças.

Elaborei as atividades na perspectiva de propor diferentes desafios com o desenho e deste modo perceber as crianças em suas interações e relações com a linguagem. Foram diferentes vivências onde acompanhei cada uma enquanto faziam e o que diziam no ato de desenhar, ou seja, no processo.

Abaixo apresento cada momento deste e ao mesmo tempo que relato, dialogo com os autores e autoras que me deram base nesta caminhada. Junto a escrita apresento também imagens que fazem parte da pesquisa como elementos de reflexão e discussão sobre o papel da arte no cotidiano da escola. Arte como conhecimento científico e sensível.

## 5.1 – O que tem no meu jardim



Imagem 1 – o pátio da escola  
(acervo da pesquisadora)

Esta imagem mostra uma visão do pátio do Centro Educacional Infantil. É aqui

que as crianças brincam, todos os dias, em seu *horário de parque*. Além do brinquedo o espaço também possui uma árvore, algumas plantas, um canteiro, o gramado e um espaço com areia. Nesta primeira proposta de atividade convidei as crianças para me acompanharem até o pátio, que vou chamar aqui de jardim, e com a ajuda da professora regente da sala organizamos as crianças em fila e juntos seguimos caminhando. No percurso fui questionando-as sobre o que havia no pátio? O que elas observavam? O que elas ouviam?

Nesta ida das crianças ao espaço externo da escola elas puderam perceber muitos detalhes que existem no jardim. Tocaram em plantinhas, em folhas, na areia. Por meio da provocação de seus olhares, elas puderam ressignificar o espaço que é comumente visto apenas como o horário de parque. Neste momento, com minha ajuda, elas foram observando que ali havia diferentes tipos de folhas, areias soltas ou firmes, alguns caíram no espaço que havia a areia onde brincaram, desenharam. Esta percepção sobre as coisas fez com que eles tocassem não apenas com o sentido do tato, mas com os outros sentidos também tendo assim uma experiência que provocou sentimentos de alegria, entusiasmo, descoberta, afetividade sobre tudo que os cercava como se estivessem descobrindo aquele espaço que antes apenas enxergavam.

Importa também a escola por meio da verdadeira educação incentivar e satisfazer as exigências afetivas da personalidade, através do muito contato com o ambiente, da percepção aguda, da vibração emocional veemente e da intensa vivência da realidade. (LOWENFELD, 1970, p.9).

Uma das características muito importantes das crianças é a sua capacidade de serem fontes inesgotáveis de imaginação. Principalmente no início da infância, as crianças estão sempre aprendendo algo novo, porém isso não se dá do nada é preciso alguns estímulos que são fundamentais para que elas se desenvolvam. A imaginação nesse caso é a capacidade da criança aprender, criar, novas possibilidades diante do desconhecido. Para cultivar a imaginação é necessário que elas contem histórias, façam cenários, criem objetos.

Desse modo a fantasia se constrói sempre a partir do mundo real. A atividade criadora da imaginação se encontra com a riqueza e a variedade de experiência acumulada pelo homem, porque esta experiência é o material com o qual se constrói a fantasia. (CORRÊA, 2008, p.16).

São estas experiências acumuladas que enriquecerão o repertório imaginativo

das crianças, tudo aquilo que é significativo para a criança vira memória, e são essas memórias dotadas de significações e afetividade que irão influenciar diretamente na imaginação e na criação da criança. Nesta atividade, percebi o quanto as crianças estavam envolvidas no jardim, em cada detalhe que formava aquele espaço, onde começaram a perceber tudo que ali cercava, criando associações a partir do som dos pássaros, o toque das plantas, a textura das coisas, o contato com a areia nas mãos formando uma diversidade de possibilidades de fazer parte daquele meio, percebendo-o para além do local do *horário de parque*.

## **5.2 - Desenhando na areia**



Imagem 2 – desenho na areia  
(acervo da pesquisadora)

Esta imagem foi a partir da proposta que fiz às crianças de desenharem na areia, onde com a ponta dos dedos, começaram a deixar seus rabiscos que fluíam livremente, onde cada risco, cada forma, representava algo para a criança. Todas se sentiram confiantes para se expressarem, pois estavam em um ambiente livre das paredes da sala, das cadeiras ajustadas sob a mesa, não sendo nada imposto a elas, apenas tinham que ser livres naquele momento.

Nesta atividade conversei um pouco com elas sobre as diversas possibilidades de desenhar. Provoquei-as com perguntas: quem aqui sabe desenhar? Vocês sabiam que nós podemos desenhar até na areia? Que tal deixarmos nossas marcas? Todas falaram que sabiam, logo em seguida demonstraram grande empolgação já iniciando seus desenhos com as pontas dos dedos, sugeri que elas achassem algum objeto para desenharem.

Surgiram muitas formas, riscos que davam sugestões a novas coisas, foi uma atividade perceptiva estimulada por diferentes sensações: o cheiro da grama, a textura da areia, das plantas. Surgiram caminhões, estradas, a professora, coração, princesas, invenções com suas próprias formas de maneira peculiar onde percebi uma mistura daquilo que estavam vivenciando com suas memórias anteriores.

Importante fator deve ser obtido em conta é o trabalho criador individualmente compreendido. Só podemos apreciar o significado do produto artístico, se compreendermos a criança e considerarmos seu desenho como parte integrante de sua vida. (LOWENFELD, 1970, p. 99).

Ainda que as crianças sejam consideradas fontes inesgotáveis de imaginação e fantasia, é necessário propor experiências pois a imaginação é a memória do vivido e ressignificado.

A imaginação vem da riqueza e diversidade de experiências que criam necessidades e desejos. Diante disso, percebo que cabe também ao adulto permitir a quebra de um ambiente de estabilidade e mesmice que existe na grande maioria das salas de aula, abrindo espaço para situações imprevistas, com grande possibilidade de manipulação de materiais e linguagem, com animação dentro e fora da sala, além de desenvolver uma escuta sensível às descobertas infantis e às emoções que elas provocam. O que pode estar faltando é o professor se permitir brincar com e aprender-e-ensinar brincadeiras. (HONORATO, 2007. p. 74-75)

Esta imaginação se torna uma condição totalmente necessária para que o processo de criação ocorra, não basta apresentar a criança a imagem de algo e pedir que ela copie, ela irá dizer que não sabe desenhar, afinal nesta idade a criança não se preocupa em representar as coisas por sua aparência, então impor algo a criança pode levá-la a não sentir vontade de desenhar por achar que o desenho é uma cópia das coisas.

O desenho como linguagem para a arte, para a ciência e para técnica é um instrumento de conhecimento, com grande capacidade de abrangência como meio de comunicação e de expressão. As manifestações gráficas não se restringem somente ao uso de lápis e papel. O desenho, como índice humano, pode manifestar-se não só através de marcas gráficas depositadas no papel (ponto, linha, textura, mancha), mas também por meio de sinais como um risco no muro, uma impressão digital, a impressão de mão numa superfície mineral, famosa pegada do homem na Lua etc. (DERDYK, 2015, p.34)

Percebo que com estas provocações à imaginação e à percepção as crianças saem fortalecidas, e que seus processos criativos terão um movimento natural, pois as imagens e as ideias surgem da criança e não de padrões impostos ou estereotipados, deixando-as muito mais confiantes naquilo que estão fazendo.

Após a ida ao jardim as crianças retornaram à sala para participarem da proposta desenho de vivências.

### 5.3 - Desenho de Vivências



Imagem 3 – crianças desenhando com carvão  
(acervo da pesquisadora)

Após sairmos do jardim, voltamos para a sala com o objetivo de tratar as possibilidades de desenhar em qualquer suporte. Propus às crianças que desenhassem com carvão vegetal sobre o papel pardo. A ideia foi de que experimentassem materiais diferentes percebendo suas formas, texturas e os efeitos que deixam sobre o papel.

Aproveitando essa mobilidade acelerada do pensamento simbólico, em que os objetos vão se transformando conforme a imaginação de cada criança, é interessante propormos outros usos aos materiais para além daqueles convencionais. Por exemplo: como fita crepe, as crianças podem formar desenhos dando texturas às superfícies; com as folhas de jornal ou papel pardo, conseguem construir formas tridimensionais; a argila pode servir como superfície para desenhar com objetos variados; canetinhas hidrográficas ou plasticor sobre radiografias, carvão sobre papelão [...] (RANGEL, 2014, p.41)

Foi uma atividade em que as crianças colocaram sobre o papel o que viram no jardim, do que brincaram e cada uma com seu pedaço de carvão, material de uso pouco comum na escola. Foi curioso perceber as crianças explorando o carvão, afinal os pedaços disponíveis tinham tamanhos e formatos diferentes, muitas maõzinhas eram pequenas para segurar um pedaço grande. O modo de segurar o carvão, para desenhar, é diferente do lápis, ou giz de cera que elas estão acostumadas a manipular, fora que, o carvão de imediato suja as mãos. Algumas curtiram isso outras ficaram inquietas. Identifiquei a partir desta observação que a professora regente tem receio em utilizar materiais que possam causar descontrole da situação no sentido de sujar o espaço ou mesmo as crianças, e isso de certa forma limita as possibilidades de experiências na sala de aula. As crianças puderam perceber a possibilidade de desenhar em qualquer lugar e experimentar um material diferente com efeitos diferentes, o que ampliou o repertório delas. Outro fato interessante nesta atividade foi que elas desenharam em um papel pardo apenas, era um desenho em conjunto onde podiam observar os desenhos que as outras crianças estavam produzindo. Foi um momento em que conversavam entre si comentando sobre o grande desenho que estava surgindo, motivando umas as outras. Críticas também surgiram: “você não fez certo amigo, não é assim”. Narrativas que surgem em momento de produção, ali todos aprendem e ensinam e se percebem iguais, mas ao mesmo tempo diferentes. “A narrativa aqui é considerada como uma das ações que se dá em um campo de tensão

permeado pela imaginação, pela cultura e pela linguagem; campo no qual a criança estará atribuindo significação aos dados da cultura, numa estratégia contínua de leitura e produção de sentidos.” (HONORATO, 2007, p. 13)

#### 5.4 - Desenho de História



Imagem 4 – na sala de aula ouvindo uma história  
(acervo da pesquisadora)

Esta imagem mostra um dos momentos da atividade que propus às crianças, o momento da contação de história. O livro que escolhi chama-se *Por dentro da árvore*. Ele é em estilo pop-up<sup>1</sup> e conta sobre os animais que moram na árvore, sobre os diferentes tipos de folhas e de cores, sobre árvores que dão frutos, sobre os ciclos de vida da árvore desde a sementinha, sobre a importância dela para nosso mundo e que temos que cuidá-la. Antes de iniciar a história conversei com as crianças sobre o que vimos até o momento, sobre os animais que moram no jardim da escola. Comentei com elas sobre a árvore do jardim e sobre o cuidado e respeito que precisamos ter com ela e com a natureza como um todo devido a sua importância para o nosso

---

<sup>1</sup> Os **livros pop-up** são ilustrados com recortes tridimensionais em papel que se movem ao abrir o **livro** ou movimentar a página captando a atenção do leitor e despertando sua curiosidade.

mundo. Algumas fizeram perguntas, mas todas ficaram atentas e curiosas para descobrir o que tinha dentro da Árvore do livro.

Quando pensei nesta atividade objectivei entender como a criança interpreta as histórias ouvidas e que relações ela estabelece com suas vivências e seu desenho. Os requisitos que utilizei para a escolha da história foi por não ser muito extensa garantindo a atenção dos pequenos. Destaco que nas observações feitas com a turma, nos momentos de contação de história, caso essa fosse muito longa as crianças tinham dificuldades em manter a atenção. Iniciei a história, mostrando página por página do livro. Todas muito atentas e interessadas, pois iam associando a história ao que haviam vivenciado no jardim da escola ativando memórias, e atribuindo novas simbolizações à sua imaginação. Cada uma ao ouvir a história fazia comentários dizendo o que viu na árvore do jardim da escola; comparava a árvore do livro com a árvore do jardim; falaram sobre árvores de suas casas, da casa da avó, do amiguinho; das árvores que dão frutas; das frutas que gostam. Foi um momento mágico e de muita aprendizagem.

Para Girardello (1998), a atividade de contar histórias está diretamente ligada à imaginação e à literatura, assim como à ampliação do repertório cultural e a criação de referenciais importantes ao desenvolvimento subjetivo das crianças. O impulso para acompanhar uma história surge da vontade de saber o que virá depois e é este impulso que faz a aproximação conceitual entre narrativa e imaginação. (apud HONORATO, 2007. p. 53)

Na sequência da atividade pedi que cada uma das crianças desenhasse, com lápis de cor e giz de cera sobre o papel branco tamanho A4, o que a história contava. Enquanto elas desenhavam eu caminhava pela sala acompanhando as produções e buscando dialogar com cada uma de modo a compreender um pouco sobre seus processos criativos e imaginativos. É importante não tentar identificar os desenhos que as crianças estão realizando dando-lhes nomes ou significados, mas isso não impede a professora de ouvi-las enquanto produzem. As crianças me chamavam para mostrar seus desenhos e falar sobre eles, deste modo compreendo que o processo para a criança é muito mais significativo que o resultado final.

A interpretação verbal que a criança realiza ao ver ou ao fazer o seu desenho muitas vezes se transforma numa outra "estória". Às vezes é pura constatação, em outras, é atribuição de valor. O signo visual é aberto, contém um feixe grande de possíveis significações [...] de qualquer forma, a criança exerce um juízo a respeito de seu próprio trabalho,

manifestando índices de uma intenção inicial, de um projeto, de um pensamento em exercício, que pode ou não corresponder ao resultado: o confronto da imagem interna com a externa. (DERDYK, 2015, p. 97).

O pensamento da autora unido à experiência que tive neste momento com as crianças me fez entender o papel da mediação de um adulto que saiba apontar caminhos para a criança, de forma criativa e inspiradora. A qualidade da vida imaginativa da criança carece de um ambiente favorável ao faz-de-conta, “onde os adultos estejam também em contato com a sua própria vida de fantasia” (Girardello 2005, p.5).

Assim como a criança pode desenhar aquilo que percebe em sua volta, de forma muitas vezes aparentemente desordenada para nós, afinal não estamos sentindo o que a criança está sentindo, seus comentários também não estabelecem uma ordem, a nosso ver, mas sim aquilo que a criança captou, neste caso algumas coisas vão ficar arquivadas por terem significados singulares para cada criança. Neste momento pude aprender muito sobre o significado do desenho para as crianças tanto quanto para nós enquanto adultos. Muitas vezes a vida adulta nos coloca limitações, somos julgados por qualquer coisa que fuja dos padrões do mundo real, o que nos força a abandonar nossas fantasias e nossa capacidade de pensar livremente, numa busca incessante de aceitação e encaixe na sociedade. Olhando para o desenho, nesta perspectiva, é dito que desenha bem aquele que com sua produção se aproxima mais e melhor da realidade, deste modo desenhar se torna um desafio. É preciso cuidar deste tipo de pensamento e ação dentro da escola, principalmente em se tratando de crianças. É importante que na escola a concepção de desenho seja ressignificada de modo a ampliar o diálogo com a arte, instigando a possibilidade de desconstrução de algumas verdades ou dogmas que se enraizaram em diferentes práticas pedagógicas. (LEITE, 2004).

## **5.5 – Desenho de observação**



Imagem 5 – Desenho sobre lixa  
Acervo da pesquisadora

Esta foi a última atividade proposta às crianças, e que compõe este universo de análise a partir do campo de pesquisa desta investigação. Depois de uma semana de experiências criativas e imaginativas por meio do desenho, propus uma atividade que seria levada para ser realizada em casa, junto com as famílias. Entreguei para cada criança uma lixa. No ato da entrega conversei sobre o material, que ele era diferente das folhas em que elas costumam desenhar, com isso as crianças começaram a passar os dedos na lixa, a sentir a aspereza da superfície, algumas gostaram, outras não, mas de qualquer modo levaram curiosos as lixas para casa. Pude perceber o interesse das crianças em querer saber, conhecer, fazer parte, se aproximar de tudo aquilo que vêem, as formas, as cores, os sons, os gestos, texturas. Não é à toa que suas perguntas são quase sem fim, suas vontades de tudo tocar, não bastando apenas olhar. É fundamental preservar este olhar curioso das crianças sobre as coisas, para elas tudo é como se fosse a primeira vez, e de fato algumas vezes é. Ainda que ela repita as mesmas coisas cada vez será de uma forma diferente.

Por meio dos sentidos, a criança é atraída pela curiosidade: o formato, o

manuseio fácil, as texturas, as cores e as possibilidades emotivas que os objetos proporcionam podem estimular nos pequenos a descoberta e o aprimoramento das linguagens, alimentando sua capacidade de comunicação com o mundo. Acredito que este jogo com universos escondidos desperte na criança o desejo de entrar nas viagens e nas fantasias que a imaginação proporciona. (HONORATO, 2007).

A proposta foi de que as crianças desenhassem de observação, sobre as lixas, o que percebem no jardim de casa ou na casa, caso não tenham um jardim. No retorno para a escola, numa segunda-feira, trouxeram seus envelopes motivados a mostrarem o que haviam desenhado. Organizei o momento para que cada criança pudesse apresentar seu desenho e contar para a turma o que havia registrado. Nos relatos apareceram as figuras de mãe, pai, irmãos, sol, céu, grama, campo de futebol, amigos da vizinhança brincando juntos, animais de estimação, gato, cachorro, os nomes dos gatos e dos cachorros, a visita da tia no final de semana, o policial que mora na frente de casa. Muito mais do que apenas a observação do que tem no jardim ou na casa, as crianças trouxeram suas percepções sobre seus espaços de convívio fora da escola. Crianças percebendo o seu meio e desenhando aquilo que lhe é significativo.

Após ligarmos as crianças a um tema por meio de perguntas e as abastecermos com outras imagens, ao propormos a exploração de materiais, veremos que os registros infantis têm relação com o que foi descoberto individualmente e pelo grupo. Não necessariamente, registros realistas ou semelhantes ao assunto discutido, mas registros significativos que expressam visões particulares e imaginativas sobre os objetos de conhecimento. (RANGEL, 2014, p. 20).

Nesse sentido, o desenho está diretamente entrelaçado à criatividade, ao papel do outro e ao meio social, cultural e histórico em que a criança está inserida, logo, ela deve ser cuidadosamente mediada de maneira a contribuir para a amplitude da criação e de seu desenvolvimento estético e sensível.

**Escreva aqui um parágrafo de fechamento das análises. Para isso peço que faça a leitura completa do capítulo.**

## **6 – CAPÍTULO 5 - PROJETO DE CURSO**

**TÍTULO:** Formação continuada para professoras e professores da Educação Infantil: Um novo olhar para as vivências do Desenho.

**EMENTA:** Concepções de infância; a imaginação infantil e o desenho; a arte e a criança.

**CARGA HORÁRIA:** 40h

**PÚBLICO – ALVO:** Professoras e professores da Educação Infantil.

**OBJETIVO GERAL:** Potencializar as experiências das professoras e professores com o desenho de modo que possam refletir sobre suas metodologias em sala de aula e sobre possibilidades de mudanças de olhares e de ações.

### **OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Ampliar o repertório dos professores e professoras sobre o desenho e seu papel no desenvolvimento infantil.
- Promover experiências com o desenho
- Contribuir na construção de novos olhares sobre a arte e a linguagem do desenho.

### **JUSTIFICATIVA**

O espaço escolar é um espaço de cultura, e dentro dele o ensino da arte se apresenta como um componente curricular obrigatório. A partir desta premissa cada professor e cada professora precisam pensar suas ações e programações pedagógicas considerando as linguagens artísticas. Com isto em mente e com as experiências que tenho nas escolas em que atuei, penso ser fundamental que professores da Educação Infantil conheçam e reconheçam o desenho como uma linguagem primordial na infância, que, além de abrir espaços para a criação e expressão das crianças, também permite a elas perceberem o campo imaginativo e perceptivo de seus pequenos na escola.

Na primeira etapa escolar, toda criança desenha e deixa marcas por prazer. Sempre encontra um jeito e um local para registrar. O chão, a parede e os móveis são muitas vezes destinos escolhidos pela criança pequena. De acordo com Derdyk (2004) o desenho expressa a vivência e torna-se uma brincadeira que gera prazer. Greig (2004) nomeia esta etapa de “idade de ouro” em que o desenho da criança pequena é impulsionado pelo prazer. (RANAUER, 2011. p. 04)

Pensando na experiência que as crianças têm com o desenho, imaginei proporcionar aos professores e professoras tempos e espaços de vivência com a linguagem do desenho. Um dos propósitos é de apresentar às professoras e professores o papel fundamental da percepção, da criatividade, da expressão, da sensibilidade, e da imaginação no desenvolvimento infantil.

A convivência do educador com a natureza da arte será nosso grande alimento para que possamos ressignificar as conexões possíveis entre a arte e a educação, olhando de maneira sensível os desenhos produzidos pelas crianças. (DERDYK, 2015, p.24).

A partir da experiência com arte, com o desenho, vislumbro pensar um professor e uma professora mais atentos ao campo da arte como conhecimento e como lugar fundamental na formação das crianças. E, para além disso, a experiência como espaço de transformação deste profissional da educação que percebe que não está isolado na escola, mas que faz parte de um grande projeto coletivo de formação de cidadãos sensíveis e críticos, e que cooperam com a construção de um país justo e igualitário.

## **METODOLOGIA**

A proposta do curso se configura em proporcionar momentos de experiência com o desenho. Primeiro apresentar um contexto histórico e artístico sobre a linguagem do desenho e suas implicações no campo da educação e do desenvolvimento infantil. A partir daí propor experiências artísticas na linguagem buscando construir um diálogo reflexivo sobre as potencialidades do desenho na construção crítica e sensível dos sujeitos. A ideia é de organizar o encontro em momentos que denomino aqui de oficinas: oficina desenho de memórias; oficina desenho de retrato; oficina desenho cego; oficina desenho de fissuras; oficina desenho em conta-gotas.

## **INFRAESTRUTURA E MATERIAIS NECESSÁRIOS**

Uma sala ampla com espaço para produção artística; folhas de papel sulfite; lápis grafite; lápis de cor; canetas hidrográficas; jornais e revistas para recorte; tesoura; cola branca; papel higiênico; tinta nanquim; tinta guache preta.

## **REFERÊNCIAS**

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho**: Desenvolvimento do grafismo infantil. 5 ed. Porto Alegre: Zouk, 2015.

HANAUER, Fernanda. RISCOS E RABISCOS: o desenho na educação infantil. **Revista de Educação do Edieau**, Passo Fundo, v. 6, n. 13, p. 1-13, jul. 2011.

## 7 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há aproximadamente três anos iniciei minha experiência na Educação Infantil. Comecei como estagiária e, no ano seguinte, me tornei a auxiliar de classe na Educação Infantil. Durante os dois últimos anos trabalhei com turmas de Jardim, e foi nesse período que meu interesse pelo desenho das crianças começou. Foi um tempo em que pude observar muitas coisas nas crianças, as relações que estabeleciam com as outras crianças, com os adultos, com os professores e com o próprio espaço. A cada dia, muito mais que ensinar, eu aprendi com as crianças. No seu jeitinho de ver o mundo, no seu olhar encantado para as descobertas, no seu entusiasmo ao fazer algo diferente e em toda energia do ser criança, onde cada dia é um desafio, pois mesmo que se estabeleçam rotinas, nenhum dia é igual ao outro, nem tão pouco uma criança igual a outra. Minha escolha pelo tema surgiu mediante as inúmeras vezes que acompanhei as atividades de desenho com as crianças, sempre com a curiosidade de *interpretar* o desenho delas, buscando entender o que essas garatujas significam para criança? O que querem expressar com estes rabiscos? Nesta pesquisa pude desmistificar a palavra *interpretar*, pois compreendi que ela não deve ser usada no desenho das crianças. Em meu estudo e no diálogo com os autores que foram referência em minha pesquisa pude perceber que não se trata de querermos esperar por um resultado das crianças, mas viver o processo juntamente com ela, possibilitando que exerça seu ato criativo de modo tão natural quanto comer, dormir, sonhar e brincar.

O desenho para ser significativo para a criança, não deve ser visto e nem proposto apenas como uma atividade para passar o tempo, mas sim como uma experiência que estimule a imaginação, os sentimentos e a percepção, tornando-se assim uma atividade artística fundamental para ela. O campo desta pesquisa ocorreu no local onde já trabalho, e por ter uma relação de convívio com as crianças, pude construir conexões entre as teorias e as vivências em sala de aula. O fato de conhecer suas rotinas, suas histórias, seus modos de brincar e fazer as atividades de desenho propostas pelos professores, contribui para ampliar meu olhar sobre minha questão investigativa: **Como o desenho estimula a percepção e a imaginação da criança na Educação Infantil?**

Diante disso acredito ter alcançado meu objetivo, ficando muito satisfeita não só com o resultado de minha pesquisa, mas também, principalmente com todo o aprendizado e o processo em si. A pesquisa foi de suma importância para rever os conceitos que tenho sobre o desenho na infância, sua significação, e seu papel na percepção e imaginação da criança. Através das leituras de livros e artigos pude fundamentar algumas ideias que já tinha sobre o desenho, outras modificar, aprimorar, constituir e reconstituir. Na pesquisa de campo pude colocar em prática todo conhecimento teórico adquirido em minha formação percebendo os componentes perceptivos e imaginários das crianças ajudando-as a percebê-las e a desenvolver estas habilidades. A pesquisa não se encerra por aqui, ela continua à medida que é observada com outros olhares, surgindo novas perguntas e inquietações. Espero que esta pesquisa possa contribuir para uma compreensão mais ampla das concepções acerca do desenho na infância, e a sua importância na Educação Infantil.

## REFERÊNCIAS

### colocar em ordem alfabética

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho**: Desenvolvimento do grafismo infantil. 5 ed. Porto Alegre: Zouk, 2015.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

LOWENFELD, Viktor; BRITAIN, Lambert. **Desenvolvimento da capacidade criadora**. 5.ed. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

FERRAZ, Maria Heloísa C. de T.; FUSARI, Maria F. de Rezende e. **Metodologia do ensino da arte**: fundamentos e proposições. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

HONORATO, Aurélia Regina de Souza. As experiências com literatura nos relatos das crianças: abrindo espaços de narrativa. 87 f. **Dissertação** (Mestrado) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2007.

OSTETTO, Luciana E.; LEITE, Maria I. **Arte, infância e formação de professores**: Autoria e transgressão. São Paulo: Papirus, 2004.

RANGEL, Susana V. da Cunha (Org.) et al. **As artes no universo infantil**. 3.ed. Porto Alegre: Mediação, 2014.

COLI, Jorge. **O que é Arte**. São Paulo: Brasiliense, 2013. (Coleção primeiros passos, 46).

CANTON, Katia. **Espaço e lugar**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009. (Coleção temas da arte contemporânea).

VIGOTSKY, L.S .**La Imaginación y el arte en la infancia**. 6.ed. Madrid: Ediciones Akal, 2003. .

PIORSKY, Gandhy. **Brinquedos do chão**: A natureza, o imaginário e o brincar. Local: Peirópolis, 2016.

CORRÊA, Ayrton Dutra. **Ensino das Artes Visuais**: Mapeando o processo criativo. Santa Maria: UFSM, 2008.

RANGEL, Susana V. da Cunha. **Cor som e movimento**: A expressão plástica musical e dramática no cotidiano da criança. 3.ed. Porto Alegre: Mediação, 2002.

GIRARDELLO, Gilka Elvira Ponzi. O Florescimento da Imaginação. In. **Seminário Educação, Imaginação e as Linguagens Artístico-Culturais**, 1, 5 a 7 de setembro, Criciúma. Anais...Criciúma: UNESC, 2005

GHEDIN, Evandro. **Estágio com Pesquisa**. São Paulo: Cortez, 2015

LEITE, Maria Isabel Pereira. A criança desenha ou o desenho criança? A ressignificação da expressão plástica de crianças e a discussão crítica do papel da escrita em seus desenhos. In: OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Arte, infância e formação de professores**: autoria e transgressão. Campinas, SP: Papyrus, 2004.